



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

NELSON RUBENS SAUL I

(depoimento)

2003

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-39

Entrevistado: Nelson Rubens Saul

Nascimento: 21/03/1930

Local da entrevista: CEME-ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Berenice Machado Rolim / Leila Carneiros Mattos

Data da entrevista: 25/09/2003

Transcrição: Berenice Machado Rolim / Grasiela Alves de Castro

Conferência Fidelidade: Berenice Machado Rolim

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Fitas: Não há.

Total de gravação: Não informado

Páginas Digitadas: 9

Catálogo: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 02144/2010/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

SAUL, Nelson Rubens. *Nelson Saul I (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Universidade de 1963; competições de Ginástica Olímpica (ginástica artística) no GNU (Grêmio Náutico União); patrocinadores; doações; medalhas; aros olímpico; amadorismo da organização; competições internacionais; estágio na Alemanha; lazer na cidade de Porto Alegre.

Porto Alegre, 25 de setembro de 2003. Entrevista com o professor Nelson Rubens Saul, a cargo das pesquisadoras Berenice Machado Rolim e Leila Carneiro para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do esporte.

B.R. – Então, professor Nelson, gostaríamos de saber como foi a sua participação na Universíade¹, como começou o evento? Coisas que aconteceram durante, peculiaridades.

N.S. – A minha participação na Universidade foi na direção. Quer dizer, fui escolhido diretor da Universíade no setor de Ginástica Olímpica. Depois passou à Ginástica Artística. Agora estão confundindo, já se vai ser Ginástica Olímpica. É Ginástica Olímpica e pronto! Antigamente era Ginástica de Aparelho de Solo. Como diretor, eu tinha que montar desde o local onde se realizavam os jogos, as competições, a formação do grupo de jurados, a recepção às equipes que viriam. Nós começamos primeiro pelo assoalho que era o maior problema que tínhamos. Eles exigiam um assoalho elástico no qual você sempre tinha impulsão. Não era esse solo duro. E como fazer isso? Eu apelei para o Omar², - que está aposentado - que tem uma firma de estruturas de madeira muito conhecida por nós. Ele tem um no hall alemão de trabalhar e trabalha com madeira. Então, fui a ele e disse: “Temos que fazer um elastro, solo elástico. Vamos lá”. Era ele, eu e mais um marceneiro que ele tinha e trabalhamos até as quatro da manhã para fazer uma sala elástica.

B.R. – Em que local?

N.S. – O local escolhido foi o Grêmio Náutico União³ que, em princípio, eu fui contra, porque o local era pequeno para público e, como tínhamos construído aquele ginásio da Universíade pela Brigada igualmente e tinham, cabiam mais pessoas, e eles não acreditavam que ia. Eu conhecia a ginástica, estava dentro dela há anos. Na Universíade de 1963 foi a primeira vez que houve Ginástica Olímpica e ela chama muito público até hoje. Aí ficou aquela coisa no ginásio da brigada para o basquete e voleibol. Então, tinha basquete e depois tinha voleibol e não adiantava porque tinha que ser no União. O maior

¹ Universíade - Jogos Mundiais Universitários, organizados pela FISU (The International University Sports Federation). A Universíade aconteceu em Porto Alegre entre os dias 30 de agosto e 09 de setembro de 1963.

² Nome sujeito à confirmação.

lugar, naquele momento, era o União. Mas disse: “Temos que fazer o tablado. Não pode ser sem o tablado”. Fizemos o tablado. Montaram tudo direitinho, tudo bem. Aí, no dia da competição, na véspera da competição, no intervalo dos jogos de basquete e voleibol, quiseram colocar a ginástica, que é de dois dias, dentro da Universiade. Um fato até interessante: as duas da manhã bateu na minha casa um caminhão do exército com um monte de soldado para trocar o local para a Universiade. Entramos, atendi os caras tudo e disse: “Olha aqui, acho que a competição é amanhã. Começa amanhã ao meio dia. Nós estamos aqui na madrugada do dia. Como é que vamos tirar tudo aquilo, mudar lá? Como que nós vamos fazer? Não temos homens para fazer isso. Eu sinto muito. Nós passamos um trabalho para fazer isso. Trabalhando para apaziguar. Não vai dar, não vai ser possível. Tem que furar o chão para botar os fixadores. Não vai dar certo”. Então, ficou por isso. “Vamos fazer no União mesmo. Não deu outra. O público entrou para assistir a parte feminina e depois tinha que sair as seis horas, para as oito horas começar a masculina. Ninguém saiu. Nem eu saí, nem a minha sogra saiu, ninguém saiu, porque meus filhos estavam pequenos. Meu filho nasceu naquela época, em 1963. Deixamos ele em casa com a babá, com a sogra, porque não podíamos voltar mais. Entramos lá e só saímos no outro dia. Foi uma coisa extraordinária e foi, aconteceu.

B.R. – O senhor recebeu algum apoio financeiro para a construção deste tablado?

N.S. – Tínhamos, mas era muito restrito, muito escasso. Inclusive, este tablado tinha que ser uma coisa mais sofisticada. Então, conseguimos a doação, inclusive, do feltro que vai em baixo da lona. Sob esse assoalho que o elástico ia um feltro de 2cm, 30mm. Em cima dele uma lona. Isso tudo nós conseguimos por empréstimo. Teria que devolver tudo intacto. O gasto foi da madeira que eles tiveram que comprar. A mão de obra foi grátis, foi feita sem custo nenhum. As lojas Renner emprestou o feltro e a lona, não sei foi uma empresa de transporte. Então, foi assim que conseguimos. Fizemos com o que tínhamos em casa. A aparelhagem foi doada do Japão e ela já chegou um mês antes. Ficou presa na alfândega. Uma semana dos jogos estava presa lá ainda. Nós não conseguíamos tirar. Incrível! Nós montamos com os nossos, com o que tínhamos, os nacionais aqui. Fizemos o

³ Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

que tinha de melhor. Inclusive, nós tínhamos uma barra suíça que era da Sogipa⁴. Ela foi usada também. Era nacional, muito rústica, não era uma coisa para...

B.R. – Para uma competição internacional.

N.S. – Para aquele tipo de atleta que vinha. Nós somos completamente rudes. Era tudo feito em casa, inclusive, o trampolim que fazíamos também em madeira. E os japoneses chegaram no dia da competição e conseguiram liberar os aparelhos e, no fim, não se usou os aparelhos que vieram do Japão. E aí veio a pergunta: “Onde vão ficar os aparelhos?”. Então, enquanto professor da ESEF⁵, puxei a brasa para mim: “Vou deixar na Escola de Educação Física porque lá vai servir” e os clubes todos tinham aparelhos nacionais. E, afinal de contas, a Escola era do estado. Então, de 1963 para cá, tem alguns aparelhos em uso. Isso foi quanto aos aparelhos. Agora, quanto à competição, vieram técnicos muito bons. Vieram japoneses que eram campeões mundiais. Mundiais na parte não universitária. Vieram os russos, o Titof⁶, que foi um ginasta que competi em 1954 em Roma, quando fui no mundial. Agora, vai ser a Daiane⁷. Eu pertenci a primeira equipe de ginástica do Brasil que foi ao mundial. Seleção Brasileira de Ginástica. Nós fomos em seis: três do Rio Grande do Sul, dois de São Paulo, e um do Rio de Janeiro⁸. Bom, o Titof veio aqui - ele era universitário naquela época. Veio a Larissa Martinina⁹, que era a melhor ginasta do mundo naquela época, e as meninas que ganharam. Interessante. Aí houve outro problema que foi antes com o diretor Henrique Alpa¹⁰. Eles fizeram as medalhas e os cartazes e eu distribuí. Na hora que eu vi pronto os cartazes, eu disse: “Esses cartazes não vão poder”. Não é aceito porque tinha os aros olímpicos. Conhece a história?

B.R. – Sei.

⁴ Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

⁵ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁶ Yuri Yevlampiyevich Titov

⁷ Daiane dos Santos.

⁸ Estados brasileiros.

⁹ Larissa Semyonovna Latynina

¹⁰ Nome sujeito à confirmação.

N.S. – Os aros olímpicos é privativo de olimpíadas. Ninguém pode usar. Nada, não pode ceder. Universitários são estrelas. Aí ele foi ver e falaram com o presidente da FISU¹¹, que não lembro do nome, Plínio. Aí vetou tudo. Então, podemos mudar os cartazes. Foram modificados os cartazes. Deu uma despesa enorme, mas as medalhas, - não sei se tens uma aí. Eu deixei uma com elas. Estão com os aros olímpicos -, não podemos trocar, porque ia faltar da gente aqui. Falta de conhecimento.

B.R. – Informação.

N.S. – Quer dizer que, se nós somos atletas, nós competimos fora, aí sabíamos dessa história. Quer dizer, se tinha conhecimento, nós não fomos consultados antes disso tudo. Foi feito assim a toque de caixa. Vai sair a Universidade em Porto Alegre. Então...

B.R. – Um certo amadorismo da organização.

N.S. – Como o brasileiro é muito assim, vamos dizer, eclético, ele faz tudo [risos]. Então, aconteceu esse fato, uma despesa maior, um prejuízo enorme. Isso evitava.

B.R. – O senhor tem alguma história para nos contar? Alguma peculiaridade de alguma equipe? Algum acontecimento?

N.S. – Nós estivemos juntos o tempo inteiro. Nós montamos um trabalho, um turismo para eles também. Nós fizemos uma festa. Eles foram à Gramado¹². Nós fizemos passeios. Outros foram aqui em Novo Hamburgo¹³, visitaram o passado, presente. Uma coisa muito bonita. E fizemos uma festa de encerramento lá em Ipanema¹⁴, ali na Pedra Redonda. Distribuíram um par de pérolas aos dirigentes. Muito bonito. O japonês [nome inaudível] foi o empresário que doou os aparelhos. Dei uma carta para ele doando os aparelhos. Acho até que a carta está com vocês.

B.R. – Não fui eu que cataloguei esse material.

¹¹ The International University Sports Federation.

¹² Cidade do Estado do Rio Grande do Sul.

¹³ Cidade da região metropolitana de Porto Alegre

¹⁴ Bairro da zona sul de Porto Alegre

Leila – Está aqui conosco no CEME¹⁵.

N.S. – Eu queria ver, porque eu acho devo ter mais coisa lá em casa.

B.R. – E quanto ao idioma, como é que era a comunicação?

N.S. – Nós tínhamos intérprete de alemão. Não havia problema. Eu falo alemão e o pessoal da ginástica também. O Fischer¹⁶ faz parte do corpo de jurados, o Estiner Repper Milke¹⁷, que é um alemão também, que fez esse ponto de ligação. No russo, tínhamos um ginasta que é russo o Kurostka¹⁸. Atualmente ele é odontólogo.

B.R. – Ele está aqui no Brasil?

N.S. – Sim. Está aqui em Porto Alegre. Ele era russo, falava russo. Então, ele foi intérprete. Tínhamos, dentro da ginástica, diversos índices e, tinha junto também, o norueguês que era um rapaz muito simpático e famoso internacionalmente. Ele era um ginasta norueguês. O único que falava oito idiomas e muito boa a ginástica dele. Se classificou bem na competição. Ele esteve na minha casa e eu depois, mais tarde, estive na casa dele também, lá na Noruega.

B.R. – Da equipe brasileira, houve algum destaque?

N.S. – Nós tínhamos o melhor ginasta, o Marcelino Pinen¹⁹. Tinha o José Arruda²⁰ e, não me lembro qual era o outro. Eram três, e nós não tínhamos o nível. Nós estávamos, tínhamos elemento humano, tínhamos tudo para ganhar, mas nos faltava aquele treinamento que eles tinham. Trabalhávamos o dia todo e ia jogar a noite. Eles não. Eles treinavam diariamente dentro da Universidade. Eles eram universitários. O Pinen era universitário também, mas não tinha aquele apoio material que eles tinham. Quer dizer que, lá, toda a Universidade, toda a escola, tanto primária, secundária, e vem vindo, tudo

¹⁵ Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

¹⁶ Nome sujeito à confirmação.

¹⁷ Nome sujeito à confirmação.

¹⁸ Nome sujeito à confirmação.

¹⁹ Nome sujeito à confirmação.

são aparelhadas e uma inversão - eu digo uma inversão assim, por exemplo: como é que eu vou dizer onde deve estar a formação do jovem que é na escola. Ela tem que ser assistida, a parte esportiva. Por exemplo, o aluno estuda numa escola e essa escola não tem local para ele praticar a sua atividade física, a sua formação física. Claro, tem a intelectual. As duas têm que estar juntas, porque a criança quando atleta estava na escola, não digo primária, mas secundária, depois universitária, está na escola. Ele tinha que sair da escola e procurar um clube para treinar. Quer dizer, ele perdia hora de modificação de local. Lá é diferente. Lá, as escolas têm clube e o público é que vem usar a escola. Então, o aluno que passa o dia todo na escola tem acesso a tudo, bem dizer, a formação intelectual e a formação física. Por isso que eles têm atletas. Nós estamos muito mal. Então, a Universiade aconteceu. Foi uma explosão, uma propaganda enorme para prática esportiva, todo mundo queria saber o que aconteceu e que terminou a Universiade. O público foi procurar o que aconteceu. Muita gente, poucos locais. Não tinha lugar. Tinha só os clubes, e os clubes são restritos.

B.R. – E até hoje ele trabalha no sábado e no Domingo, não é?

N.S. – Sim. Então, essa é a dificuldade. O público foi procurar e não achou. Então, estão mal as escolas. Toda a escola devia ter o seu cantinho, no mínimo uma sala para pendurar cordas, os espaldares. Eu fiz os espaldares no Julinho. Tem lá até hoje. Fiz a paralela de barras - deve ter saído fora por causa da Universiade. A Universiade colocou isso lá, mas nós, até hoje, estamos em falta. Aonde tem alguma coisa é em clubes. A maior população de jovens está na escola e essa não tem acesso a isso aí, a não ser uma Daiane que saiu de lá. Acharam a guria e botaram lá. De onde ela saiu? Daquela massa pequena. E não pode ter mais Daianes ali.

B.R. – Então, o senhor está nos dizendo que achas a ginástica um esporte elitizado, pelas circunstâncias?

N.S. – Não! O esporte é elitizado. Não a ginástica. Ele fica elitizado. Quem é lá de baixo que consegue vir é porque alguém viu e trouxe, mas trouxe de uma maioria grande que não pode fazer nada. E quantos não têm desse tipo lá dentro? Por isso que eu digo que tem que massificar. Os Russos chegaram aqui, o americano tem estrelas no esporte. Na Rússia

²⁰ Nome sujeito à confirmação.

temos constelações. Eles têm muita gente. Então, eles podem ter elementos assim... Rússia, Japão, outro. Então, eles têm constelações, tem que sair coisa boa. E nós aqui temos o que algumas pessoas... Sai um Guga, saí um... Eu agradeço o convite.

B.R. – O senhor teria nomes para nos indicar importantes da Universidade para entrevistas? Quais que não podemos ter muito acesso e que o senhor conheça e acredita que sejam importantes?

N.S. – O nosso colega, professor Jayme Werner dos Reis o (peixinho), foi diretor da natação. O Rosa²¹ foi diretor da esgrima. Foi um grande ministro.

B.R. – E atleta, tem algum que o senhor ainda conheça que tenha participado de alguma coisa?

N.S. – O Marcelino Pinen, mas ele está na Alemanha. Tem o irmão dele aqui, mas o irmão dele não foi um ginasta. Foi bom, mas não teve aquela participação internacional. Naquela época da Universidade aqui, nós tivemos uma série de acontecimentos. Nunca ouviu falar nos dinamarqueses? Tem folhetos que eu deixei na Escola quando eles estiveram aí. Uma equipe de ginastas dinamarqueses que era a ginástica de conjunto para apresentações. Fizemos um tablado para eles também. Foi em sessenta e três (1963). Em sessenta e três foi o Pan Americano que eu participei pela última vez. Eu tinha trinta e três anos na equipe do Brasil do Pan Americano de São Paulo. No México em cinquenta e cinco (1955), no mundial sessenta, cinquenta e quatro (1954). Em cinquenta e três (1953), participei do... Fui para a Alemanha. Não voltei. Eu fiquei lá. Os ginastas, meus amigos, voltaram. Eu dei tchau para eles e fiquei na Alemanha. Eu tinha vinte e três anos e não falava alemão. Nunca tinha saído de casa. Eu disse: “Não sei quando eu volto cá e eu não volto para o Brasil”. Fiquei lá.

B.R. – Quanto tempo o senhor ficou?

N.S. – Fiquei seis meses. Trabalhei lá limpando ruas. Tinha muitos escombros e dando ginástica. Era um brasileiro que não falava alemão e fazia ginástica. Coisa inédita para

eles. Era isso aí e mais uns brasileiros todos que eu participei. Fui cinco vezes campeão brasileiro de solo, três vezes de salto com cavalo também. Eu tinha uma especialidade. Não era muito bom no cavalo nem nas argolas. Eu tinha dificuldade, mas, salto, era comigo. Isso foi naquela época. Tudo isso. Pan Americano [palavra inaudível] a Universiade e o nascimento do meu terceiro filho. No dia que ele nasceu, eu estava metido em São Paulo num Pan Americano. Foi num domingo que ele nasceu. Era dia de competição

B.R. – Então, o senhor tem mais alguma coisa que achas relevante sobre a Universiade para nos colocar?

N.S. – O que eu me lembro é isso aí. Pode ser que apareça mais alguma.

B.R. – Quanto a patrocinadores, o senhor lembra de patrocinadores na Universiade?

N.S. – Tivemos sim. Inclusive, esses que emprestaram o material todo. Eu falei no Renner, Lonastest. Lonastest é de freios. Não me lembro o nome.

B.R. – Então, era isso professor. Gostaríamos de agradecer o senhor, a sua colaboração e também aproveitar para marcar uma outra entrevista com uma história de vida, porque eu acho muito rica a sua história de vida.

N.S. – Esse hábito de eu refazer diário. Estava tudo atirado os recorte de jornais. Aí a minha esposa disse: “Vamos montar isso aí logo”. Agora passamos noites. Olha, até foi bom que vamos juntando papéis e papéis e montando. É um calhamaço sem tamanho de recortes de coisas. Fizemos tudo. Inclusive, encontramos um recorte de jornal de 1952, julho de 1952. Eu ganhei o salto com vara e tirei o terceiro no arremesso de dardo. Ela ganhou o salto em altura, tirou segundo no arremesso de peso. Então, na mesma reportagem, os dois ali. E ali que começou o nosso namoro [risos]. E nessa época eu estava na escola.

²¹ Nome sujeito à confirmação.

B.R. – Para nós, seria interessante entrevistar a sua esposa porque os relatos femininos são poucos, são bem menores que os masculinos. Os homens se envolviam mais com o esporte do que as mulheres. Aí, se ela aceitar, gostaríamos de também ouvi-la.

N.S. – A revista Sogipa fez uma entrevista conosco dos cinquenta anos de atletismo, cinquenta e dois. Então, foi o ano passado. O casal ainda vem se mantendo em atividade. Ainda tem a reportagem. Tem as medalhas também. Uma caixa pesa mais de vinte quilos. Tem quinhentas medalhas. É uma coisa de louco. A medalha do campeão sul americano e deste tamanhinho assim.

B.R. – Inclusive, podemos fotografar essas medalhas.

N.S. – E as que eu ganho agora do time são deste tamanho [risos]. E aí diz o outro assim: “Tu tens que desfilar com essa medalha no peito” [risos]. Eu fui competir em ginástica. Comecei em quarenta e oito com a idade de dezoito anos. Começávamos velhos. E competi até 1968. Fiz vinte anos de competições estaduais. O Fischer, esse que faleceu, era o companheiro de equipe. Ele veio depois, entrou depois. Entrou em cinquenta. Desde aí, venho vindo sempre. E depois, quando eu me formei, eu trabalhei em educação física e treinava, dava aula de ginástica nos colégios o dia inteiro.

[FINAL DO DEPOIMENTO]